



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO  
O Património Cultural dos Oceanos  
Portugal



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

[ 6 ]

# OCEANICA

## FICHA TÉCNICA

*Oceanica* – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, n. 6 (janeiro, 2018)

*Coordenação editorial*  
Joana Gaspar de Freitas (IELT)

*Equipa de edição*  
Anabela Gonçalves (IELT)  
Carla Veloso (CHAM)  
Carolina Vilardouro (IELT)  
Diana Barbosa (IHC)  
Joana Gaspar de Freitas (IELT)  
Ricardo Naito (IEM)

*Design e edição fotográfica*  
Carla Veloso (CHAM)  
Ricardo Naito (IEM)

*Fotografia da capa*  
Barcos de pesca numa tempestade.  
Marco Ricci, 1715. The J. Paul Getty Museum, Los Angeles

*Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação*  
oceanheritage.news@fchsh.unl.pt

*Website da Cátedra UNESCO*  
“O Património Cultural dos Oceanos”  
www.cham.fchsh.unl.pt/ext/catedra

## O LITORAL ENQUANTO BEM COLETIVO

Vários séculos de história de uso e transformação fizeram com que fossem quase indestrinçáveis os fatores naturais e humanos que contribuíram para a sua atual configuração.

No início do século XXI, o litoral é entendido como um bem comum, um espaço público, cujo futuro levanta grandes interrogações. A zona costeira transformou-se num lugar de lazer e socialização e as paisagens que a caracterizam tornaram-se fatores determinantes na apreensão do território e nas expectativas que em torno dele se geram. Vários séculos de história de uso e transformação fizeram com que fossem quase indestrinçáveis os fatores naturais e humanos que contribuíram para a sua atual configuração. Os testemunhos da utilização do litoral estão profundamente imbricados nas paisagens, tornando-se parte delas, como camadas que se sobrepõem, compondo uma nova modalidade de interpretação deste espaço. Nos últimos anos, a aposta na criação e desenvolvimento de ecomuseus que permitem recordar os ofícios da produção do sal e da moagem, a recuperação de antigas fábricas de conservas da sardinha e de produção de óleo de baleia como núcleos museológicos e a reabilitação de faróis e fortalezas constituem exemplos de como o passado se entrelaça com o presente, oferecendo novas formas de vivenciar a zona costeira. O futuro dos núcleos urbanos que dependem do turismo balnear pode muito bem passar, não pela construção de mais hotéis, blocos de apartamentos e parques de estacionamento, mas pela conservação e defesa da sua história e tradições locais, pelas memórias das gentes e pela reafirmação da sua identidade própria – estabelecida na longa coabitação com o mar – através da valorização da sua herança cultural. A identificação dos cidadãos com o seu espaço – natural e simbólico – pode ser também um instrumento eficaz para incrementar a participação cívica nos processos de decisão em relação ao litoral.

Joana Gaspar de Freitas

## UMA INVESTIGADORA E A SUA OBRA

Clara Sarmento

Clara Sarmento, Doutorada em Cultura Portuguesa, é diretora do CEI – Centro de Estudos Interculturais do Politécnico do Porto (P. PORTO) e coordenadora do pólo do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVA FCSH), naquela instituição. Todo o trabalho da Clara é fascinante, porque ela é senhora de um dinamismo extraordinário, mas aqui interessa sobretudo destacar os seus estudos sobre as práticas culturais das comunidades marítimas e lagunares da Ria de Aveiro. Os barcos moliceiros – que outrora recolhiam o molicho na laguna – são a sua paixão. Foram eles o tema da sua tese de doutoramento e a razão de todo o trabalho que desenvolveu posteriormente sobre culturas, artes e patrimónios marítimos e rotas turísticas.



## AS PRAIAS DE PORTUGAL

Praia de Monte Gordo

As praias algarvias não constam do livro *As Praias de Portugal* (1876) de Ramalho Ortigão. As praias elegantes, nas quais a sociedade portuguesa da época convivia, situavam-se a norte do Tejo. A sul, parecia não haver destinos balneares de interesse. Mas não era bem assim. A Praia da Rocha era frequentada pelas elites locais e Monte Gordo era a praia de eleição das gentes do sotavento algarvio, dos grandes proprietários rurais do Baixo Alentejo – que chegavam via Guadiana – e até dos espanhóis de Aiamonte e Isla Cristina.

Povoação famosa no século XVIII pela riqueza da pesca, as suas casas eram palhotas feitas com gramíneas das dunas. Os primeiros banhistas chegaram em finais de 1800 quando surgiu a estrada de ligação a Vila Real de Santo António e foi instalada a primeira barraca de banhos (em 1899). Os veraneantes começaram por alugar as casas dos pescadores e depois foram construindo as suas próprias habitações. Em 1934, havia 450 casas na praia, uma população fixa de 1800 pessoas e 1500 veraneantes. A povoação cresceu passando a ter casino e avenida marginal. A capacidade de receção de Monte Gordo aumentou muito a partir de 1956 com a construção do parque de campismo e do hotel Vasco da Gama (1960). Em 1976, foi erguido o edifício Guadiana, com 10 andares, que assinalou o desaparecimento progressivo das bonitas casas térreas e familiares de Monte Gordo, substituídas pela construção em altura de blocos de apartamentos que caracteriza hoje a vila, que vive quase exclusivamente do turismo.



▲ Praia de Monte Gordo. Foto: Joana Gaspar de Freitas.

## ARQUEOLOGIA MARÍTIMA

O caso do Dori, S. Miguel, Açores

O Dori, localizado na Ilha de S. Miguel, Açores, foi classificado, em 2012, como Parque Arqueológico Subaquático. Quando, em 2009, um grupo de cidadãos, intitulado “Amigos do Dori”, solicitou à Direção Regional de Cultura dos Açores para verificar a história deste naufrágio, no sentido de averiguar se seria elegível como Parque Arqueológico, sobre o mesmo enquadramento legal que o Parque de Angra, tinha a intenção clara de buscar uma forma de proteção daquele local de mergulho. A avaliação que veio a ser feita confirmou o seu valor histórico e arqueológico, com a identificação de alguns elementos importantes como as caldeiras, o motor e a hélice. Levantada a sua história, verificou-se que se tratava de um *Liberty Ship* americano, chamado Edwin L. Drake, do tempo da 2ª Guerra Mundial. Esta classe de navios da marinha mercante dos EUA foi construída em grande quantidade durante este conflito armado, tendo como função o transporte de equipamentos militares, mercadorias e passageiros. O movimento “Amigos do Dori” foi muito importante neste processo, uma vez que contribuiu para transformar este naufrágio num elemento cultural vivo, reconhecido pela comunidade como uma mais valia para o turismo local, tornando-se mais um exemplo de boas práticas de defesa do património cultural subaquático dos Açores.

Ana Catarina Garcia



▲ *Liberty Ship*, Edwin L. Drake (2ª Guerra Mundial). Foto: Nuno Sá.



▲ *Liberty Ship*, Edwin L. Drake (2ª Guerra Mundial). Foto: Nuno Sá.

## COMUNICAR O PATRIMÓNIO

Um museu numa antiga fábrica de conserva de peixe

As indústrias piscatória e conserveira estão profundamente ligadas à história da cidade de Portimão. Para que esta herança não se perdesse, o município adquiriu a antiga fábrica de conservas de peixe, São Francisco, que se transformou em museu, em 2008. O Museu de Portimão tem como principal missão reabilitar o património industrial da cidade, valorizar a sua relação com o rio e desenvolver uma oferta cultural de qualidade.

A visita ao museu permite conhecer a construção naval na região, a pesca e as suas artes, o processo de laboração da indústria conserveira e a vida dos seus trabalhadores. Fotografias, objetos, máquinas e painéis explicativos tornam a exposição extremamente apelativa e dão a conhecer um mundo quase desaparecido, mas que não pode ficar esquecido. Mais informação em: [www.museudeportimao.pt/pt/default.aspx](http://www.museudeportimao.pt/pt/default.aspx)

### NOTÍCIAS E EVENTOS

#### PUBLICAÇÃO SOBRE AS POPULAÇÕES COSTEIRAS EM PORTUGAL

Acabou de ser publicado o volume 3, do *Handbook of Climate Change Communication*, da Springer. Um dos capítulos fala sobre a importância do conhecimento ecológico tradicional das populações costeiras para a definição de estratégias com vista à adaptação às alterações climáticas. Tem por título: “Traditional Ecological Knowledge as a contribution to Climate Change Mitigation and Adaptation: the case of the Portuguese Coastal Populations”. A autoria é de Joana Gaspar de Freitas, Maria Rosário Bastos e João Alveirinho Dias. Mais informação em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-70479-1\\_16](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-70479-1_16)

#### CONFERÊNCIA EM HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA

Realizou-se entre 3 e 7 de janeiro, em Nova Orleães, EUA, uma conferência sobre história e arqueologia subaquáticas, organizada pela Society for Historical Archaeology. Subordinada ao tema “Paisagens, Entrepostos e Correntes Globais”, a história da cidade de Nova Orleães foi o ponto de partida para discutir a interpretação das paisagens numa perspetiva histórica e de como as tendências globais atuais influenciam a análise do passado. Ana Catarina Garcia, do CHAM – Centro de Humanidades, apresentou uma comunicação com o título: “The Ribeira Velha of Lisbon and the requalification of Lisbon Water Front. Archaeological excavations in a nautical context”. Mais informação em: [www.conftool.com/sha2018/sessions.php](http://www.conftool.com/sha2018/sessions.php)

#### PERSIGUIENDO BALLENAS... NO CHILE

Entre 9 e 10 de janeiro decorreu na Universidade Academia de Humanismo Cristiano, em Santiago do Chile, o Workshop Recorriendo los océanos: persiguiendo ballenas del Atlántico (pasando por el Cabo de Hornos) al Pacífico.... Para além dos chilenos, estiveram presentes investigadores provenientes de França, Brasil e Portugal. Nina Vieira, do CHAM – Centro de Humanidades, apresentou uma comunicação intitulada “A baleia, útil monstro do mar: uma história de baleação no Atlântico Moderno”.